



Cabedelo

A praia que alimenta a arte bruta

Joaquim fala desta praia de Viana do Castelo como ninguém. Joaquim, aliás, vive a sua praia como ninguém. É lá que se abastece para criar “peças bonitas”, feitas de paus e “pinheiros tortos”. É com as histórias do Cabedelo que arrancamos a nossa série de Verão. Até Setembro, outras praias se seguirão. *Luís Octávio Costa (texto) e Adriano Miranda (fotos)*



● “Não está. Foi aos paus”, informou-nos Emília. À segunda, depois de um copo na Taberna do Poita, não foi preciso bater à porta da arrecadação, onde o seu marido vai acumulando paus e coisas que vai esculpindo enquanto cria arte bruta. “Estava a descascá-los”, diz à Fugas Joaquim Pires, livre de influência de estilos oficiais e aparentemente rodeado de lixo por todos os lados. Passou parte da manhã entre o pinhal à procura dos “pinheiros tortos” e a sua praia - do Cabedelo -, o seu grande fornecedor da matéria-prima com que constrói cata-ventos de lavradeiras rodopiantes, parabólicas 3D - está uma embrulhada e pronta para seguir para o Algarve com 1,80 metros de diâmetro, um barco, uma rede e caranguejos a subirem por ela -, sardões e pássaros talhados de raízes (e pousados em galhos que antes de o serem já o eram) e bandos e bandos de perus, pavões, garças e flamingos que enchem os frigoríficos avariados transformados em despensas.

“A praia dá-me muito material. As cheias do rio. As marés-vivas. A água traz-me muita coisa”, diz, Joaquim, tão bruto com as palavras como com as mãos. “Vejo, trago e recupero. E faço peças bonitas. A maré traz tudo”, diz. Pedacos de plástico, garrafas de lixívia e “paus”. “Aparece muita peça boa. É isso que eu procuro. Vou dar uma volta, às vezes passo por ele, ando uns metros e volto para trás porque fiquei a pensar naquele pau e na peça que podia fazer com ele”.

Usa “o que o mar dá”. Na verdade, Joaquim, 67 anos, que fala da praia do Cabedelo como ninguém - que vive a praia como ninguém -, sempre viveu do que o mar lhe dá. Ele e Emília nasceram na vizinha praia da Amorosa, mudaram-se para o Cabedelo Velho (“onde hoje está o [restaurante] Raio Verde havia uns barcos velhos; ainda lá está a casa dos meus pais, junto ao forno da cal”) e daí para a Avenida do Cabedelo, mesmo numa das pontas do túnel de árvores onde vivem há 43 anos.



“Andávamos à isca, à lenha para o lume. Iscávamos o aparelho para o robalo e para a faneca. Apanhá-vamos o argaço. Andei ao mar com o meu pai, três anos. Era o trabalho que havia”, diz a mulher da casa. “Apanha do argaço era forte”, junta Joaquim, que começou a ir ao mar

aos 14 anos - também foi trolha, esteve na pesca do bacalhau, andou na guerra em Moçambique e trabalhou nas fábricas de loiça, onde aprendeu a usar o formão. Não havia molhes na praia do Cabedelo, areia fina, vento forte. “O mar batia mesmo na areia e dobrava. A praia

B.I.

Praia do Cabedelo

Darque, Viana do Castelo
Praia semi-urbana, inserida no trilho ambiental do Cabedelo. Bandeira Azul desde 1988, com interrupções. Análise da qualidade da água desde 1986.

Extensão: Comprimento (400m) e largura média (100m); areia fina a média com forte componente de quartzo.

Temperatura média: 18 graus (época balnear) e 12 graus (fora da época balnear).

Velocidade média do vento: 7-8 quilómetros/hora (época balnear), predominando ventos de N/NW e W/SW.



À volta da praia

Isclas e “cagões”

Podem reconhecer o Ricardo do hip-hop, do parkour ou da berma da estrada, à saída da Ponte Eiffel, onde vende isca para a pesca embrulhada em papel de jornal. Minhoca a três euros, “cagão” a dez (“são à volta de 200 cagões”), até caranguejo mole. “Deixei a escola e vim para aqui”, diz à Fugas o resistente de uma tradição da Avenida do Cabedelo, em Darque, margem sul de Viana. Bem combinado, Ricardo também desenrasca uns camarões da costa, “lamparões” e mexilhões. “Mudou muito. Só cá estou eu. O clima está a mudar. Fazia-se um buraco e saíam cem. Agora nada”. Passa duas horas a apanhar isca. Vende cerca de oitenta doses por dia.

Travessia

Desde 1985 que a empresa Irmãos Portela (Orlando e Vítor) fazem a travessia entre o centro de Viana (Praça da Liberdade) e a praia do Cabedelo. Os barcos circulam entre Maio e Outubro e cada travessia custa 1,50 euros por pessoa. Nos dias úteis, o primeiro *ferry-boat* parte da margem sul às 8h40 em ponto e deixa o embarcadouro da margem norte às 9h, tendo uma frequência hora a hora. Actualmente a empresa tem também itinerários ao longo do rio Lima com duração de 40 minutos e de 90 minutos.

Agarrem-se bem!

Na mesma baía recatada, onde o rio Lima encontra o mar, aterrou um *wake park*, outro pretexto para os mais audazes visitarem a região. A estrutura, da nave-mãe FeelViana, permite a prática das modalidades náuticas wakeboard, wakesurf e stand up paddle (aluguer desde 15 euros), bem como aulas de iniciação ao windsurf. A experiência cablepark ride (desde 15 euros) consiste num trajecto com algumas rampas em que somos puxados por um cabo. Nas versões wake board/surf (desde 150 euros/máximo oito pessoas) é utilizada uma lancha. Os menos aventureiros dispõem de um bar com vista para acção e com uma lista idêntica à do bar da praia do Cabedelo que é outra ramificação do hotel FeelViana.

Navalheiras e caracóis

Estamos entre o mar e o rio. Por isso faz todo o sentido que haja uma Taberna do Poita (diz-se de uma pedra ou um qualquer objecto pesado que sirva de âncora) com os petiscos do dia. Há salada de polvo e lapas, bifanas e panados, caracóis, moelas e orelheira, asinhas de frango picantes, tripas, badanas de bacalhau frito e sardinhada sempre que possível. A taberna, em plena Avenida do Cabedelo, em frente à capela de Nossa Senhora das Areias, existe desde 1940 e mantém o que de bom

à sua espera em frente ao Aquário com uma panóplia de actividades, em terra ou na água. A mais invulgar será o passeio a cavalo “para todos os tipos de cavaleiros” e preparada para qualquer nível técnico. O passeio (três horas, 60 euros) é supervisionado por um professor experiente que irá orientar os visitantes durante o percurso pelo areal. Também é possível fazer mais ou menos o mesmo percurso pela praia, dunas e passadiços montado numa *fat bike* (35 euros por mais ou menos 2h30 de passeio). Para o mar, o



tem uma tasca: petiscos sem nomes pomposos, uma esplanada soalheira, um balcão com gente da terra e copos de vinho a 60 cêntimos. Como opção para comer nesta zona, o restaurante do hotel FeelViana é indispensável, assim como (nas dunas) a diversidade da carta do Viana Beach Center, ramificação do Aquário Bar.

CAR

Em pleno pinhal podemos encontrar o Centro de Alto Rendimento de Surf (CAR), a base operacional para modalidades náuticas como o surf, o bodyboard, o windsurf e o kitesurf. O edifício sustentável é um dos quatro equipamentos que compõem o projecto-âncora “Centro de Mar” (juntamente com o Centro de Canoagem, o Centro de Remo e o Centro de Vela), essencial para o desenvolvimento do desporto no concelho.

Cavalos e não só

Ricardo Viana (ou outro elemento da equipa Portugal Active) estará

cardápio inclui aulas de surf e de kite. E para o rio passeios de stand up paddle. Um deles começa (e acaba) na praia do Cabedelo e passa junto ao Navio Hospital *Gil Eannes* (40 euros, duração de 1h30).

Conforto radical

O FeelViana chegou ao Cabedelo há dois anos e já mudou a história desta zona. Com quase 50 quartos e *bungalows*, uma piscina interior e uma exterior, um *spa*, um *business center*, uma *pump track* coberta e um restaurante, o hotel, quatro estrelas superior (quartos desde 125 euros) conta ainda com um completo Sports Center. Bem mais em conta são os dois parques de campismo que se espalham pelos pinhais nas imediações, o do Inatel (25 hectares com acesso directo à praia; restaurante), na Avenida dos Trabalhadores, e o da Orbitur (acesso directo à praia; restaurante; animais permitidos), na Rua Diogo Álvares.



ficava toda atacada de argaço. O mar vinha bater junto ao Raio Verde. Eu andava na escola.”

A praia, localizada na margem sul do estuário do Lima, à vista de Viana do Castelo, do Monte de Santa Luzia, dos esqueletos gigantes dos estaleiros navais, “foi avançando, foi avan-

çando”. Transformou-se - como as suas peças.

Tem um areal pequeno e recatado entre molhes. Tem outro, imenso, que vai fixando banhistas e cada vez mais entusiastas dos desportos de vento, do windsurf e do kitesurf. “Agora é um mundo.”